

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

VIVIANE ANTONIA DA SILVA

**EDUCAÇÃO: DA INFÂNCIA A JUVENTUDE E AS CONDICIONALIDADES
DO PROCESSO**

MATINHOS
2016

VIVIANE ANTONIA DA SILVA

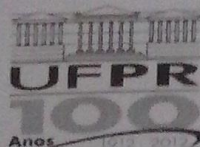
**EDUCAÇÃO: DA INFÂNCIA A JUVENTUDE E AS CONDICIONALIDADES
DO PROCESSO**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização apresentado para obtenção do
título de Especialista em Questão Social na
Perspectiva Interdisciplinar da Universidade
Federal do Paraná

Orientador: Prof. Dr. Valdo José Cavallet.

MATINHOS

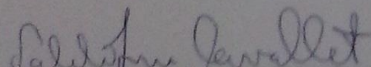
2016

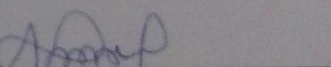


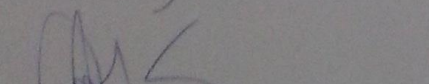
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

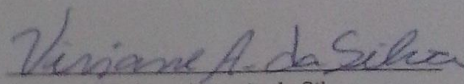
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador, Professor Doutor VALDO JOSÉ CAVALLET, realizaram em 11/06/2016 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante VIVIANE ANTONIA DA SILVA, sob o título "*Educação: Da Infância a Juventude e as Condicionais do Processo*", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 11 de junho de 2016.


Prof. Dr. Valdo José Cavallet


Prof. Dra. Lenir Maristela Silva


Prof. Dr. Arnenes de Jesus Ramos Junior


Viviane Antonia da Silva
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

DEDICATÓRIA

*Este trabalho é dedicado a minha família, amigos, comunidade e educadores
que tanto colaboraram para meu crescimento humano.*

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível devido ao apoio de pessoas extremamente especiais as quais não poderia deixar de agradecer.

*Agradeço primeiramente a **Deus** pela força na caminhada;*

Agradeço especialmente a meus pais, que sempre torceram por mim e me ajudaram sem medir esforços;

*Aos educadores que tanto colaboram com minha metamorfose, em especial ao **Valdo** e ao **Armenes** que me estimulam e estão sempre presente.*

*A **Lenir** que além de aceitar fazer parte da banca, foi a primeira pessoa que me incentivou a falar de mim.*

A todos que direta ou indiretamente participaram do processo de realização deste trabalho.

EPÍGRAFE

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para a transformar.

Paulo Freire

RESUMO

A educação popular tem potencial de transformação social por se tratar de uma prática político-pedagógica que parte da conscientização da classe oprimida, não apenas para tomar conhecimento da realidade, mas com intuito de transformação desta. O presente trabalho tem como tema central a educação popular e comunitária enquanto processo de desenvolvimento humano. O objetivo é possibilitar uma reflexão global da minha vida a fim de avançar no auto conhecimento e aprender a saber, para então colaborar com o desenvolvimento de outros grupos de pessoas através de ações educativas na perspectiva Freiriana. Apresento a educação popular como uma prática com o povo, a qual é conferida a tarefa de transformação social a partir de uma base ética e política. Além da revisão bibliográfica sobre o tema central, este trabalho traz um relato minucioso da minha vida da infância até os dias atuais, pois senti a necessidade de um novo olhar para minha trajetória, contextualizando os diferentes espaços e ao final deste trabalho trago minhas experiências profissionais enfocando a prática reflexiva e as influências desta na minha atuação profissional.

Palavras chave: Educação Popular, Transformação Social, Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

Popular education has the potential for social transformation because it is a political- pedagogical practice that part of the consciousness of the oppressed class , not only to become aware of the reality , but with a view to transforming this . This work is focused on the popular and community education as a human development process. The goal is to allow an overall reflection of my life in order to advance in self-knowledge and learning to know, and then collaborate with the development of other groups of people through educational activities in Freirian perspective. Present popular education as a practice with the people, which is given the task of social transformation from an ethical and political basis. Besides the review of the must central, this work brings a detailed account of my childhood life to the present day, because I felt the need for a fresh look at my career, contextualizing the different spaces and at the end of this work bring my professional experience focusing on reflective practice and the influence of this in my professional activity.

Keywords: Popular Education, Social Transformation, Human Development

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	A FAMÍLIA E A COMUNIDADE: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO COM A EDUCAÇÃO.....	8
2	A EDUCAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA	19
3	UM TEMPO DE CONFRONTAR TEORIAS, VISÕES DE MUNDO E IDEOLOGIAS FRENTE ÀS TURBULÊNCIAS, CONTRADIÇÕES E EXPECTATIVAS REAIS	25
3.1	A EXPERIÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO ARNALDO GILBERTI – LIVRE MENTE	25
3.2	A ASSISTENTE SOCIAL E A REFLEXÃO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA REALIDADE DO MUNICÍPIO DE IPIRANGA/PR.....	31
3.3	A INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL NA POLÍTICA DE HABITAÇÃO	38
4	E AGORA, POR ONDE CAMINHAR?	41
	REFERÊNCIAS	43
	ANEXO 1	45

1 INTRODUÇÃO

1.1 A FAMÍLIA E A COMUNIDADE: PRIMEIRA APROXIMAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Tudo começou em 1979. Nasci na cidade de Presidente Prudente que está localizada à oeste do Estado de São Paulo. Morei na zona rural até os quatorze anos de idade. Vejo isso como uma das grandes vantagens em ter nascido no interior, pois viver no sítio me permitiu prolongar um pouco minha infância, já que o campo é um espaço onde se pode viver com muita liberdade, maior segurança e autonomia. Não que esse período tenha sido somente um mar de rosas, já que a partir de dois anos de idade meus pais descobriram que eu tinha uma doença congênita, degenerativa e sem cura, doença de Gaucher¹. Uma curiosidade da minha infância é que não me recordo do sofrimento em si. Por exemplo, nas vezes que andava vinte quilômetros a pé para chegar na cidade, o que me lembro é que eu e meu irmão íamos correndo pelas estradas, brincando de pega pega, comendo as goiabas que encontrávamos pelo caminho, olhando os desenhos que se formavam nas nuvens. (Eu gostava muito de fazer isso e, na verdade, faço até hoje).

Meus pais concluíram o Ensino Fundamental I, quando se casaram logo minha mãe ficou grávida, quando eu nasci meu pai “queimava forno” em uma olaria, em nossa ultima prosa ele me relatou que era muito pesado esse serviço, ele começava a trabalhar por volta das três horas da manhã e seguia o dia todo, pois o forno não podia esfriar, pegava muita quentura no corpo além do peso das toras de lenha, meu pai disse que o que ganhava era tão pouco que não tinha como sustentar eu e meu irmão da forma como era necessário levando em conta meu estado de saúde. Meu pai comentou que varias vezes só tinha o arroz com feijão e daí ele ia ao rio pescar quatro peixes “cascudo” para janta, ou então matava uma rolinha com o estilingue para que a gente não ficasse sem “ a mistura”. Meu pai disse que bebia muita pinga nessa época e que bebia porque achava que a vida era muito dura, hoje ele não bebe mais.

¹ A doença de Gaucher é um raro distúrbio metabólico hereditário que resulta no acúmulo anormal de certos tipos de lipídeos (substâncias gordurosas) no baço, na medula óssea, no fígado e nos pulmões, e em alguns casos no cérebro. – (<http://www1.actelion.com.br>)

Minha mãe disse que, nos períodos que eu estava melhor, ela trabalhava na roça ou fazia faxinas para ajudar meu pai com as despesas. Me lembro de que minha mãe ia colher algodão e levava eu e meu irmão. Nós dois adorávamos quando a mãe levava marmita e nós comíamos os três juntos debaixo da árvore. No entanto, grande parte do tempo, minha mãe passava encontrando medidas paliativas de me dar melhores condições de saúde, já que eu tinha diversas hemorragias e dores ósseas². As hemorragias eram nasais, eu sangrava quase toda semana, e quando isso começava às vezes demorava até doze horas para cessar, como nós morávamos longe da cidade e não tínhamos carro, minha mãe não tinha muito o que fazer, mas quando as hemorragias aconteciam com muita frequência, minha mãe me levava para o hospital, geralmente eu ficava alguns dias internada para repor plaquetas, plasma e hidratar. Eu passava dias e dias internada, cheguei a perder um ano da escola quando fiquei um mês internada no Hospital das Clínicas em São Paulo tentando diagnosticar a doença, eu tinha sete anos nessa época. Minha família estava em situação de vulnerabilidade social, levando em consideração que não tinha acesso a um medicamento da qual dependia minha saúde, que meus pais estavam sem acesso a informação para superar essa situação e não tinham apoio social e psicológico para administrar aquele fenômeno.

O único suporte com que contávamos era a ajuda da igreja local para viajar atrás de novas alternativas de tratamento e também da comunidade em geral que doava roupas para nós. Minha mãe diz que não se lembra da atuação do Serviço Social neste período. Essa romaria foi no mesmo ritmo até o ano de 1991, quando fiz uma cirurgia e retirei o baço, a partir daí melhorei consideravelmente em relação aos sangramentos. Meu baço pesou 1,300kg, sendo que o normal para uma adolescente é o peso máximo de 250g³. Eu também tinha o fígado aumentado e devido ao seu volume eu tinha uma barriga que parecia de grávida, na escola eu já começava a ter problemas com os colegas. Recordo-me que foram várias viagens que eu e minha mãe fizemos, o que para mim era uma aventura. Certa vez fomos à Campinas/SP, pois ela soube de um coreano chamado Dr. Kang que elaborava uma

² O aumento do baço e do fígado são os sintomas mais característicos da doença de Gaucher. Danos ao baço e ao fígado podem provocar uma série de complicações hematológicas. A doença de Gaucher afeta a qualidade dos ossos, deixando os pacientes vulneráveis a fraturas que podem ocorrer após baixos impactos que não provocariam dano ósseo em uma pessoa que não apresenta a doença. – (<http://www1.actelion.com.br>)

³ www.googleweblight.com/ 12/01/2016

dieta milagrosa e exclusiva para cada paciente, a minha era a base de peixe e lentilha, não podia comer açúcar e carboidratos, fiz a dieta por um ano e meio o que só serviu para agravar minha anemia. Também fiz acupuntura e uma cirurgia espiritual em um Centro Espirita, mas nada resolvia meus problemas.

Recentemente fui visitar minha família e minha mãe me contou sobre as experiências gastronômicas que fazia na época, rimos muito ao lembrar algumas, como por exemplo: chá de guizo de cobra para diminuir a barriga, chá de picão para o amarelão (minha pele e meus olhos eram bem amarelos devido o mal funcionamento do fígado), ovo de pata cru batido com biotônico e leite condensado para fortalecer, fígado cru batido com couve, arroz cozido na panela de ferro e feijão cozido com prego enferrujado, os três últimos para anemia. Questionei alguns familiares e principalmente meus pais sobre minha infância, todos sem exceção falaram logo de início: “você era muito doente”, mas relataram também que eu era calma, que não era chorona e que era o xodó das professoras. Perguntei também quanto ao fato de agradar as pessoas sempre dizendo sim, sendo prestativa se isso era forte em mim e minha mãe disse que não, ela disse que acha que é o contrario, as pessoas que me agradam e por esse motivo eu tento retribuir, quanto a isso meu pai disse que as pessoas estão tão acostumadas a entrar em confusão que quando tem alguém que se dá bem com várias pessoas achamos que é para agradar, disse que eu sempre tive facilidade em lidar com as pessoas, que sou assim mesmo e que sente minha falta por isso. Quando ele falou isso minha vontade era de abraça-lo e chorar por gratidão àquelas palavras.

Hoje vejo como meus pais foram maravilhosos no papel de educadores, sempre me deram muito amor e liberdade. Minha mãe é uma mulher que batalha muito e ela como a maioria das mães dá a vida por mim e meu irmão, ela sempre foi uma pessoa amorosa e de muitos amigos, minha mãe sempre diz que trabalha desde muito nova, veio da Bahia com seus pais em 1961, trabalhavam em olaria. Minha mãe conheceu meu pai ali no trabalho, as famílias dos dois eram muito próximas. Ela fala que naquela época as coisas eram bem mais difíceis, no entanto a mãe se manteve firme, sempre com sorriso no rosto e esperançosa e isso eu me espelho nela, não desanimo. O meu pai é um homem reservado, um pouco sistemático, nunca deu um tapa em mim ou em meu irmão, mas nunca ousamos desrespeita-lo, meu pai nunca foi em uma consulta minha, sequer uma reunião da

escola, nem me lembro dele brincando muito com a gente, mas independente disso eu o amo tanto, meu pai é meu ídolo, admiro ele como ser humano, ele é a pessoa que mais confio, por seu caráter, sua honestidade e sinceridade independente de quem esteja na sua frente.

A minha comunidade, onde vivi de zero a quatorze anos, e onde meus pais também cresceram, era um povoado rural onde, tanto na igreja como na escola ou no trabalho, convivia o mesmo grupo de pessoas e nesse meio sempre fui aceita, amada, compreendida. Nessa comunidade era muito comum um ajudar o outro, no domingo era dia de visitar os enfermos (eu sempre recebia visitas) e de almoçar com os familiares. Esses valores iam de acordo com a vivência que eu tinha dentro de casa, solidariedade e amor. Aos 13 anos fui convidada pelo Ministro da Paróquia a ser catequista das turmas iniciais, e o Ministro Valdomiro disse que como eu era uma adolescente que participava de toda rotina da igreja e era comunicativa, eles achavam que eu daria conta da missão. Eu aceitei prontamente o convite, fiquei feliz em poder de alguma forma retribuir o carinho que recebia de toda a comunidade. As outras catequistas eram bem mais velhas que eu, mas isso não me intimidava e eu me sentia muita a vontade com as crianças, afinal eu também ainda era uma criança.

Na minha infância e adolescência sentia que as pessoas mobilizavam-se por mim, minha mãe rompeu varias barreiras territoriais e individuais para me atender. Não me reconheço sem esse período, me sinto extremamente grata por todo aprendizado que tive com minhas experiências e as pessoas que passaram no meu caminho, acredito que por ter passado por tudo isso dou tanto valor à vida e ao próximo. Penso que a questão da minha saúde, o fato de perceber o quanto uma palavra, uma orientação, um encaminhamento correto da situação pode melhorar a qualidade de vida de uma pessoa, o que contribuiu também na escolha da minha profissão.

Não posso deixar de falar dos meus avós, minha avó paterna, Felicíssima, hoje com 96 anos, é mãe de 13 filhos e viúva a mais de 35 anos. Ela diz que meu avô era uns 30 anos mais velho que ela, que batia nela com frequência e era alcoolista e que após sua morte, mesmo com grandes dificuldades pôde criar seus filhos com dignidade. A vó é uma pessoal incrível, por sua alegria contagiante e sua juventude, sempre dançando, viajando e até andou de moto aos 92 anos (segundo

ela, quando chegou na igreja na garupa da moto, até o Padre saiu do altar para conferir tamanha travessura). Já minha avó materna, Alice, é uma pessoa impar por sua generosidade e paciência. Mãe de 6 filhos, dois faleceram ainda na infância, no início da década de 50, acometidas pelo sarampo. Foi uma mulher que sofreu muito, primeiro com a perda dos filhos, depois pela boemia de meu avô, e também pelo fato de ter saído da Bahia, em busca de mais oportunidades de trabalho, mas contra sua vontade, o que gerou a perda do contato com toda sua família. Em 2011 ela e meu avô vieram para Curitiba morar comigo e minha mãe e tive o prazer de viver um ano em sua companhia, mas ao final do mesmo ano ela faleceu aos 76 anos deixando saudades.

Em dezembro de 2015 aconteceu um triste acontecimento na minha família que foi o falecimento do meu avô materno, pessoa muito próxima a mim, o único avô com quem convivi, João Izidório. Ele foi também meu amigo, nos 4 anos que passamos juntos quando trocamos muito carinho e atenção. Eu ouvia suas histórias (várias vezes a mesma) e sempre me fazia bem seu sorriso e sua alegria por ter com quem compartilhar seus feitos de homem valente. Sou muito grata a isso e cada momento que passei com meu avô foi e é muito valorizado por mim. Refletir sobre a passagem do meu avô na terra e os anos que convivi com ele, me faz valorizar ainda mais os momentos que tenho com pessoas que estimo, pois estes podem ser a "última vez" para qualquer um de nós. Aprendi neste período que o mais importante é "fazer valer a pena" cada momento. O fato de ouvi-lo, de estar presente fazia de mim uma pessoa especial para ele, e eu fazia questão de falar a ele o quanto ele era especial para mim e como eu aprendia na riqueza dos seus relatos. Meu avô foi o primeiro a me falar sobre a Bahia, o carnaval, as aventuras e os amores. Ele me ensinou a viver aquilo que eu acredito. De forma simples e repetitiva ele conseguiu me passar muitos valores e principalmente, fazer bom uso daquilo que temos.

Mesmo após meu avô ter partido, continuo aprendendo com ele, pois começo a perceber que para fazer a diferença na vida de alguém não precisamos mostrar grandes feitos ou ser um produto visível aos olhos alheios, o essencial é que você esteja por completo e dê o que você tem de melhor a oferecer naquele momento, até porque quando chegar o dia que seria o ideal, aquela pessoa que amamos, talvez, não esteja mais presente para receber o que você tem para oferecer. E, a

partir dessa reflexão sobre minha caminhada com meu avô, estou mais convencida do que me completa: o outro. Sou movida pela convivência, pelo contato, pela troca, mas ao projetar uma eficiência profissional acabo desconsiderando essa bagagem. Tudo que me faz sentir viva, me emociona e me dá forças são os contatos além dos muros escolares e pós salas de aulas. No entanto é nestes espaços que procuro técnicas para a realização profissional. Como me liberto dessa contradição?

Atualmente venho me esforçando para fazer uma análise das várias fases da minha vida e vejo como essa prática de lançar um olhar mais crítico aos meus itinerários passados tem reconstruído e construído muitos pontos na minha identidade, principalmente no sentido de considerar minha experiência de vida e não colocá-la entre parênteses afim de atender a este ou aquele paradigma. Em 1994 fomos morar na cidade de Pirapozinho que também está localizada no oeste paulista a dezenove quilômetros de Prudente, tudo muito novo para minha família, todos começamos a trabalhar para dar conta das novas despesas, eu trabalhava de babá, cuidei de dez crianças no total, dentre estes sou madrinha de três.

Quando terminei o Ensino Médio fiz um curso técnico em Radiologia, concluí e decidi vir para Curitiba morar com uma tia e meus pais, mesmo não concordando, sempre me apoiaram nas decisões e sempre deram liberdade para mim e meu irmão, nunca nos proibiram, principalmente meu pai, ele é da opinião que é errando que se aprende. Apesar de sempre dispor de uma certa autonomia, passei a sentir necessidade de ter uma vida ainda mais independente, no sentido de dar um descanso para meus pais, e naquele momento eu já me sentia preparada para seguir meu caminho. Foi então que no ano de 2000 vim para Curitiba e comecei a trabalhar na biblioteca da PUC/PR, mas logo após três meses tive uma lesão no fêmur decorrente da doença e tive que voltar. Esse episódio parou minha vida por aproximadamente cinco anos, porque aí sim eu já sabia o que era sofrimento. Primeiro porque tive que abandonar um sonho que era o de morar em Curitiba para trabalhar e estudar, depois porque para uma jovem de vinte anos começar a ter um desgaste ósseo na perna do dia para noite virou minha cabeça em todos os sentidos, nesse período de desgaste do fêmur as dores eram alucinantes, mas o que me matava por dentro era ver a angústia da minha mãe por não poder fazer nada.

Entrei na luta pra conseguir o medicamento de alto custo⁴ que trata a doença de Gaucher, nesse período fui morar com minha madrinha em Campinas para tentar através do Hospital Universitário da Unicamp o medicamento, minha madrinha me levou duas vezes e depois eu já ia sozinha ao hospital, e foi em uma consulta que médica me explicou tudo sobre a doença de Gaucher, inclusive que o fato de ser degenerativa e eu estar sem tratamentos era preocupante e ela disse que minha perna ficaria menor que a outra. Naquele dia um buraco se abriu sob meus pés, pois me bateu um desespero, não só pela perna, mas acho que por estar sozinha, por nunca ter respostas quanto ao tratamento, eu e minha família sabíamos que não tinha cura, mas ao menos eu tinha direito ao tratamento, mas achei bom que minha mãe não estava ali para sofrer comigo.

Voltei sem sucesso pra casa e depois de muita luta consegui em 2006 o medicamento fabricado pela Genzyme⁵, que tomo diariamente ate hoje, repõe as enzimas que meu corpo não produz. O governo aqui no Brasil fornece a medicação injetável, o Cerezyme, e não pode ser armazenado em casa somente no hospital e chega dos Estados Unidos a cada três meses, então durante sete anos eu ia quinzenalmente em um Hospital de grande porte para tomar o remédio que era ministrado em duas horas por via endovenosa. Sair quinzenalmente causava problemas em todos os meus empregos, mesmo com atestados e também outro grande problema era quando o governo atrasava na compra do medicamento, eu ficava sem tomar e sentia dores, essas questões me encorajaram a participar de um estudo, o mesmo laboratório dos EUA que fornecia o outro medicamento, o Eliglustat que é em capsulas, fiz todos os exames necessários e disseram que eu era elegível a participar caso eu quisesse.

O Estudo seria por três anos e meio, nesse período teria que fazer a cada trimestre uma bateria de exames para ver a evolução do tratamento e também tinha que assumir um termo de responsabilidade que não ficaria grávida durante o estudo, já que o medicamento não era reconhecido pela ANVISA. Particpei do estudo entre janeiro de 2013 e agosto de 2015, os resultados foram positivos e agora não dependo mais do governo, caso não encontrem a cura para a doença de Gaucher

⁴ Cerdelga é o medicamento da empresa Genzyme que trata a doença de Gaucher, o custo anual do medicamento é de U\$ 310.250,00. – (<http://doencadegaucher.blogspot.com.br>)

⁵ A Genzyme é uma das maiores indústrias farmacêuticas do mundo e destaca-se há tempos por sua experiência na área de doenças genéticas raras, conhecidas como distúrbios de depósito lisossômico (DDLs).

eu terei o medicamento garantido pelo tempo de vida. Atualmente, além da comodidade de não ter que ir até o hospital quinzenalmente, com o Eliglustat sinto menos dores.

Em 2008 vim para Curitiba, essa decisão partiu do interesse em meu desenvolvimento pessoal e profissional. Chegando já comecei a trabalhar na Brasil Telecom, em 2010 comecei a cursar Serviço Social, conclui o curso de Bacharel em Serviço Social no ano de 2013 na Faculdade Pe. João Bagozzi em Curitiba/PR. A escolha do curso se deu primeiramente de querer fazer algo que tivesse contato direto com pessoas, amo o contato com o outro. Em Curitiba pensei em Enfermagem ou Serviço Social, no entanto próximo a minha residência e com preço que cabia no meu orçamento restou o Serviço Social, e foi ótimo porque sou feliz no que faço. Além do conhecimento, a graduação foi uma realização para mim e minha família, como sou a primeira pessoa graduada na minha família, todos tem muito orgulho e eu sinto feliz em ter dado essa alegria aos meus pais.

Particpei de um projeto de extensão na Faculdade Bagozzi, onde o tema era: A produção do conhecimento em Serviço Social, na verdade entrei nesse projeto com interesse de acumular mais conhecimentos na área, pois me sentia bem perdida no início do curso, o fato de ter estudado em escola pública e ter ficado treze anos sem estudar me deixava um pouco insegura. Sempre, desde pequena gosto muito da leitura, do conhecimento, mas o que mais me encanta em tudo isso e o fato de conhecer novas historias, novos olhares para as mesmas coisas.

Na graduação, logo nos primeiros meses já me defrontei com vários limites, primeiramente financeiros, pois devido a fragilidade dos conhecimentos que eu havia adquirido até então não passei no Prouni, sendo necessário ingressar em uma instituição particular, posteriormente também tive grande dificuldade de adaptação em trabalhar, estudar e fazer estágio e então foi necessário sair do emprego e esse fato tornou a necessidade de sobrevivência em uma capital ainda mais difícil.

Em contrapartida às dificuldades, tive mais tempo para estudar, meu estágio foi feito integralmente em uma ONG chamada de Associação Arnaldo Gilberti, tinha como público alvo pessoas com transtorno mental encaminhada da Rede de Atenção Psicossocial de Curitiba e região metropolitana. Foi nesta instituição que me apaixonei pelo Serviço Social e pela saúde mental, fazia na mesma instituição um trabalho voluntario, desenvolvi um projeto para os familiares dos usuários, este

projeto tinha como objetivo empoderar as famílias e humaniza-las no relacionamento com o usuário. Posteriormente a esse período do estágio fui contratada na própria instituição para coordenar o projeto “Serviço Residencial Terapêutico” que oferece moradia para egressos de hospitais psiquiátricos, onde viviam em situação asilar. Não fui contratada como Assistente Social, no entanto, tive contato com a área porque trabalhávamos o resgate da cidadania e a inclusão social dos moradores.

Este trabalho constitui-se na síntese de uma auto reflexão em que eu busquei o entrelaçamento entre minha identidade, a educação e a comunidade. Reforço que esta busca usou sempre a minha percepção como ferramenta principal, pois meu intuito é o auto conhecimento. A outra ferramenta é o esforço de compreender a educação popular, que nos permite ser agentes de transformação. Esta remete prontamente ao legado do educador Paulo Freire que considera a educação a partir do saber do povo, constituída de relações históricas e sociais, por isso esse autor é a principal referência utilizada por mim.

O que me levou a refletir sobre meu itinerário foi a aproximação com a educação emancipatória, que se deu no momento em que comecei a Especialização na UFPR Litoral, onde a preocupação é o desenvolvimento humano. A importância desse trabalho está no fato de deixar claro a outras pessoas, assim como a mim, que a educação não se restringe a salas de aula e livros acadêmicos.

Até bem pouco tempo não me atentava para o fato de que a escola são as pessoas, a comunidade, outros espaços educacionais. Por isso que hoje me vejo em um momento de ruptura, pois, para mim, tudo isso é o novo. Percebo que esses autores e atores sociais, que militam por uma nova educação a partir de políticas afirmativas e inclusivas, me renovam e me empoderam, valorizam minhas experiências de tal modo que contribuem para minha formação. Assim, esses educadores estão me apresentando um novo mundo educacional e eu estou descobrindo que esse mundo me move.

Foi a partir do grande encontro com a educação, que surgiu o questionamento: **como posso colaborar com o desenvolvimento do humano através de ações educativas.** Percebi que para dar conta de responder a essa problemática, primeiramente eu teria que me perceber nesse processo de educação e para isso passei a refletir sobre cada etapa da minha vida, buscando os aspectos educacionais que impactaram no meu processo de aprendizagem e em meu

desenvolvimento pessoal. Esta ressignificação seguiu um roteiro - memorial descritivo (anexo 1). Metodologicamente trata-se de uma pesquisa autobiográfica e bibliográfica, cuja abordagem de tipo qualitativa, toma como procedimento análise de conteúdo.

A técnica de pesquisa utilizada para a realização deste trabalho foi a História de Vida, que segundo Marconi e Lakatos (2006, p.135) tenta obter elementos relativos a “experiência íntima” de uma pessoa que tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo: “A história de vida constitui importante fonte de dados, uma vez que, por meio dela, o pesquisador “descobre a concepção que o indivíduo tem de seu papel e de seu *status* nos vários grupos de que é membro” .

O objetivo geral desse trabalho é possibilitar uma reflexão global da minha vida, a fim de avançar no auto conhecimento e aprender a saber para então colaborar com o desenvolvimento de outros grupos de pessoas através de ações educativas. Advindo deste os objetivos específicos são:

- a) Relatar minha experiência de vida, enfatizando as influências recebidas da educação;
- b) Pesquisa bibliográfica referente ao tema;
- c) Refletir sobre a influência da educação popular no desenvolvimento humano pessoal e coletivo;
- d) Refletir sobre a prática reflexiva para qualificar a atuação profissional.

Para responder aos objetivos propostos trouxe primeiramente um relato da minha vivência, da infância até os dias atuais, a família e a comunidade. Enfim, tudo para que eu me entenda e me faça entender dentro dos meios educacionais na qual transito, me apoiando na educação popular a fim de aprender a saber.

Na segunda parte trago algumas referências da educação popular, alguns autores que tem me ajudado nessa reflexão, mas o principal que destaco nessa segunda parte, é que, em uma prática de educação popular como esta da especialização, onde eu me identifico, diferentemente do que acontece na educação formal.

Na sequencia, como terceira parte deste trabalho, toma espaço meus relatos de experiências profissionais, mostrando como a ação reflexiva tem corroborado no meu desenvolvimento como ser humano e conseqüentemente organizando e qualificando minhas ações diariamente.

Assim apresento esse trabalho, consciente de suas limitações, no entanto, que possa contribuir com as reflexões a respeito da educação popular enquanto influencia no desenvolvimento humano.

2 A EDUCAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA

A educação popular contempla diferentes saberes e práticas, com forte potencial de implementação de políticas públicas que dialogam com diversos setores da sociedade organizada, como entidades, movimentos sociais, agentes comunitários, entre outros. Conforme consta no documento: Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas, é possível notar uma consolidação da Rede de Educação Cidadã (Recid). A educação popular vem sendo fortalecida em reuniões, conferências, seminários, criação do Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã, e todos esses movimentos envolvendo governo e sociedade. Vejo que é o diálogo entre diferentes setores que empodera a educação popular.

Segundo Assumpção (2009), Paulo Freire sentiu a necessidade de uma educação que transcorresse da consciência ingênua para uma consciência crítica, com especificidade de procedimentos educacionais construídos com o povo, a partir de seus interesses e com poder de decisões políticas e ações coletivas. Nesses termos:

Educação Popular é a prática pedagógica que participa, por meio de diversas situações e instrumentos, do processo de um saber orgânico das classes populares (quando [...] aprendem, a partir de sua própria política, a ler sua própria história) que serve à produção do poder das classes populares. BRANDÃO (apud Assumpção, 2009 pg. 26).

Quando se trata de ações em educação popular, temos algumas categorias que orientam as experiências populares e institucionais, segundo o educador Paulo Freire o diálogo é uma das categorias mais importantes, pois serve de alicerce à uma pedagogia libertadora.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 45).

As escolas e os movimentos sociais, a família e a comunidade mesmo estando em espaços educacionais diferentes, são complementares na luta pela transformação da sociedade, no entanto como eu era alheia a essa informação, ao longo do meu processo de aprendizagem formal, foram treze anos de questionamentos sem respostas, eu sempre me perguntava por que eu não aprendo, por que estudo tanto, gosto de ler e mesmo assim não consigo aprender de fato? Porque esqueço as coisas que ouço nas aulas? Eu acreditava que essa dificuldade em adquirir conhecimentos era um problema “meu”. Apesar de sempre gostar desse meio educacional eu me conformava de que eu não levava jeito para a educação, já que para mim era a escolarização.

Escolarização:1 Ato ou efeito de escolarizar ou de se escolarizar.
2 Conjunto de conhecimentos adquiridos na escola⁶.

A escola que eu conhecia até então não era em nada participativa, inclusiva e muito menos emancipatória. Em 2010 como eu já estava iniciando na faculdade, que eu acreditava ser a última etapa na educação e eu ainda sabia tão pouco, eu pensava: “Tenho que ao menos ser uma boa profissional”. Foi também na faculdade, devido a base teórica do curso que comecei a estudar a teoria marxista, foi muito importante para mim, pois foi a partir daí meus antigos questionamentos começaram a ter respostas, me tornei uma pessoa menos conformada, menos acomodada e foram três anos de uma comunidade de estudos, nos reuníamos semanalmente, com chuva ou sol. Nesse espaço também me tornei mais comprometida e minha ânsia de fazer algo pelo próximo enquanto sociedade, já que ficou claro para mim que a desumanização, a violência, a opressão entre tantos outros males não é algo natural que devemos aceitar.

⁶<http://www.dicionariodoaurelio.com>

Nos estudos marxistas pude enxergar as distorções históricas, e ver a educação como uma postura política e vi que através desta seria possível atender de forma crítica e consciente a classe trabalhadora. O autor Paulo Freire ressalta que as classes populares ou são manipuladas pelas elites para manter a dominação ou se organizam verdadeiramente para sua libertação, mas para isso é preciso termos consciência da nossa verdadeira situação.

Tive uma noção real de militância com uma pessoa que foi muito mais que um professor, essas pessoas que vão além do “ensinar”, mostram como se faz na prática, a partir dos exemplos. O educador Armentes Ramos sempre será para mim uma referência, entendi que para se fazer algo pelo outro não basta apenas “ser bonzinho”, é necessário ter consciência de classe e fomentar também no oprimido para que ele saia dessa condição.

A essência da educação encontra-se na busca pela conscientização, da libertação e da emancipação do ser humano (Fioreze e Marcon, 2009, p.34)

Segundo Fioreze e Marcon:

Para ser educação sempre há de existir a inclusão, o diálogo, a democracia, a liberdade, a individualidade, a cooperação e a organização. Quando os meios não correspondem aos fins e quando se usa uma teoria contrária ao que se defende para resolver conflitos, crises e impasses da vida cotidiana, não se contribui para a educação do outro e não se potencializa a auto educação. (2009, p. 27)

Eu estava mesmo precisando agir de forma mais consciente e esse período em que tenho destinado um tempo para refletir sobre minhas ações atuais e passadas, tem me proporcionado fazer uma releitura da minha vida, como diz o autor Rubem Alves: é preciso também que haja silêncio dentro da alma, e acho que era o que me faltava.

Eu não estava acostumada com uma educação que me olhasse como ser humano, que não me visse como apta ou inapta, com essa educação que olha no

olho, que motiva a viver o hoje e não ficar apenas pensando no amanhã. Eu sinto como se as aulas fossem um carinho no meu ser.

A especialização tem plantado em mim uma semente, o contato com esses educadores foi um presente, o Valdo, por exemplo, é para mim uma referência de como posso ser uma boa profissional sem deixar de lado minha natureza e minha cultura, tanto é que não o vejo como diretor ou professor e sim como uma pessoa atenciosa, carinhosa e paciente, que em tão pouco tempo de convivência conseguiu captar minhas expectativas e me colocou à refletir e conversar com autores que fundamentam o que eu já vivenciava.

Vale destacar que tal postura do educador vai de encontro aos fundamentos de Donald Schön quando o autor diz que ao estudante, não se pode ensinar o que ele precisa saber, cabe ao professor apenas instruir:

Ele tem que enxergar, por si próprio e a sua maneira, as relações entre meios e métodos empregados e resultados atingidos. Ninguém mais pode ver por ele, e ele não poderá ver apenas 'falando-se' a ele, mesmo que o falar correto possa guiar seu olhar e ajuda-lo a ver o que ele precisa ver (SCHÖN, 2000, p.25).

Mesmo percebendo que meu objetivo é mais pessoal que acadêmico essa é minha grande indagação no momento, o fato de ser uma pessoa comunicativa não me torna uma pessoa segura o suficiente para explicitar meu conhecimento ou opinião, geralmente me sinto "travada para falar", já no papel as coisas fluem mais facilmente. Por esse motivo me pergunto se há algo que devo desenvolver ou é apenas falta de prática?

Não quero de modo algum uma ruptura com minha cultura, meus valores, minha história, mas quero ampliar minha visão e não ficar presa na comodidade, quero aprender com o outro, construir e futuramente quem sabe ter condições de lutar por essa educação que tanto bem tem feito na minha vida. Estou fascinada

com o poder do empoderamento, da informação, estou reapropriando muitas etapas da minha vida, me reconhecendo como parte do universo. Segundo Freire (1987), o homem em sua dramaticidade atual, pouco sabem sobre si e se inquietam por saber mais, ao se descobrirem nesta situação, indagam, respondem e estas respostas levam a outras perguntas.

Hoje vejo que a educação formal não é coerente com minha vivência e com meu modo de aprendizagem e isso se tornou mais perceptível a partir do ensino fundamental II, se tornando mais intenso no ensino médio. O fato é que minha educação familiar e comunitária sempre foi baseada no amor, meus pais sempre me deixaram muito livre pra agir e pra pensar, os ensinamentos eram através de exemplos.

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. (Humberto Maturana)

Baseada nessa educação familiar e comunitária consolidou-se minha auto aceitação, há bem pouco tempo questioneei se o fato de ser mulher, negra e não ter saúde havia me deixado uma pessoa passiva ou me limitado em algum aspecto, cheguei a conclusão de que isto não ocorreu, até porque nunca me senti vitima. A aceitação e o respeito por minha identidade também se deu na infância e se fortaleceu ao longo da vida, isso porque meus pais nunca agiram como se eu fosse diferente, sempre fui tratada como igual, nunca me falaram sobre a cor da minha pele, sobre a textura do meu cabelo, agiam naturalmente. Quando cheguei na cidade aos treze anos foi um choque, o preconceito começou a fazer parte da minha rotina escolar, eu levava essas questões para minha mãe e ela não sabia responder, outras questões também relacionadas ao comportamento social, status, padrões, tudo era novo porque em casa não tinha uma receita de bolo de como ser feliz, bem sucedida e ter sucesso, posicionamento muito cobrado na escola formal, então nesse período fiquei um pouco perdida, aquilo tudo não tinha nada a ver comigo, não me empoderava para ser uma agente transformadora.

A educação tem grande potencialidade nessa expectativa de conhecimento e construção do sujeito. De acordo com Assumpção (2009) esse aprendizado deve ser desenvolvido na perspectiva de que os educadores e os educandos operem na realidade em que vivem, transformando-a conforme as demandas apresentadas.

Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1987, pg. 77).

A educação popular tem essa incansável tarefa de transformação ideológica para que se possa plantar na sociedade a busca por novos ideais, de uma construção compartilhada do conhecimento, como ato político e libertador.

3 UM TEMPO DE CONFRONTAR TEORIAS, VISÕES DE MUNDO E IDEOLOGIAS FRENTE ÀS TURBULÊNCIAS, CONTRADIÇÕES E EXPECTATIVAS REAIS

3.1 A EXPERIÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO ARNALDO GILBERTI - LIVRE MENTE

Quando adolescente eu não sabia muito o que queria da vida, se me casaria, se teria filhos, se queria morar sozinha ou com meus pais, mas haviam duas coisas que já tinha clareza, uma era a de que eu queria me sentir realizada na profissão e a outra era que essa realização se desse através do contato com pessoas. Apesar de ter estes objetivos claros desde cedo, o trajeto tem sido marcado por mudanças de rotas e interrupções, acredito que isso se dá porque além dos nossos objetivos profissionais também temos outros aspectos a considerar ao longo da vida, como relacionamentos, condição financeira, saúde, oportunidades, entre outros.

Atualmente estou enxergando mais além essa relação que tenho com o mundo e no mundo, me reconheço melhor nesse espaço e isso me trouxe novas expectativas pessoais e profissionais, mas o que me preocupa as vezes é a questão: como estou desenvolvendo minhas ações enquanto Assistente Social? Um ano se passou desde que adentrei na profissão e faço um balanço de como estou intervindo nas demandas que chegam a mim.

Tenho certa preocupação de como fazer melhor, como ser mais eficiente? Ainda não consigo responder a todos esses questionamentos, mas desde que comecei a escrever sobre minha vivência muita coisa ressignificou, e com isso muitas dúvidas surgiram. No entanto minha maior problemática é encontrar de forma racional um entendimento de como posso atender as demandas sociais das famílias por mim atendidas através de ações educativas, justifico minha opção à esse meio por acreditar que apenas as Políticas Públicas Sociais não dão conta da emancipação do sujeito e não considera sua realidade local, temporal e pessoal.

Enquanto profissional vejo que o Serviço Social tem um perfil emancipatório que dialoga com a educação popular, mas as ações assistenciais dificilmente vão além de atender a população em suas necessidades mais visíveis, por meio de

benefícios, grupos de apoio superficiais e capacitações, ações estas que atendem apenas interesses particulares.

Para falar da Viviane assistente social preciso voltar à uma experiência anterior que influenciou na minha prática profissional, foi meu trabalho na Associação Arnaldo Gilberti⁷ primeiro como estagiária em Serviço Social e posteriormente como coordenadora do Serviço Residencial Terapêutico. Foi a partir de 2012, quando comecei meu estágio supervisionado em Serviço Social, que comecei a me sentir pertencente ao cenário que tanto esperei.

A Organização não Governamental Associação Arnaldo Gilberti se divide em dois grandes serviços: A Livre Mente⁸ que é o Centro de Convivência da instituição, onde são realizadas as oficinas, os atendimentos sociais e psicológicos e também é onde está localizada a sede da instituição. As Residências Terapêuticas pertence a outro serviço da Associação, estas são moradias destinadas às pessoas em situação asilar sem vínculos familiares.

Foi na Associação que tive meu primeiro contato diário com o trabalho de uma assistente social, e nessa instituição voltada a atender o público adulto da saúde mental que se confirmou que eu estava na profissão que me preenchia.

A política de saúde mental no Brasil tem como um dos principais objetivos a inclusão social das pessoas com transtorno mental, a Livre Mente a fim de alcançar este objetivo desenvolve Oficinas Terapêuticas e Oficinas de Geração de Trabalho e Renda que são preconizadas pelo Programa Nacional de Saúde Mental.⁹

O trabalho social na Livre Mente é voltado ao fortalecimento de vínculos, a desenvolver oficinas de trabalho e geração de renda e acompanhamento social dos usuários, já em parceria com a Prefeitura Municipal de Curitiba, a Arnaldo Gilberti é responsável pela gestão de duas Residências Terapêuticas, estas recebem pessoas

⁷ O nome dado a Associação foi uma homenagem ao médico psiquiatra Dr. Arnaldo Gilberti, por ter sido pioneiro na implantação de um serviço ambulatorial de Psiquiatria no Paraná. (Estatuto da Associação Arnaldo Gilberti – 1994)

⁸ O nome Livre Mente (o ato de estar livre) foi instituído pela associação como nome fantasia em 2005 e é um resumo das atividades e objetivos que devem ser passados ao público ao ver a marca. A liberdade representada na palavra “livre” significa estar liberto, desprovido de limitações e preconceitos e associada a palavra “mente” cria-se uma atmosfera de libertação da mente.

⁹ O programa se apoia na Lei Federal 10.216/2001 que redireciona a assistência em saúde mental, privilegiando o oferecimento de tratamento em serviços de base comunitária, dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais, mas não institui mecanismos claros para a progressiva extinção dos manicômios.

com transtornos mentais que ficaram asiladas em Hospitais Psiquiátricos por mais de dois anos e não tem mais vínculos familiares.

Na Livre Mente minha maior inserção foi através do projeto de intervenção “Fortalecendo Vínculos”, que executei com as famílias dos usuários, onde o objetivo inicial era fortalecer os vínculos entre os usuários, familiares e a Livre Mente, também levar informação acerca dos direitos da pessoa com transtorno mental, onde e como acessar esses direitos.

O que me impulsionou a desenvolver esse projeto foram dois principais motivos, primeiro a percepção de que mesmo a instituição sendo pioneira e único Centro de Convivência para pessoas com transtornos mentais no município de Curitiba e estar em atividade desde o ano de 1994, as famílias não participavam do dia a dia da instituição e ainda tinham dúvidas quanto ao trabalho social feito na Livre Mente, outro motivo foi pessoal, minha família sentiu na pele o quão importante é uma informação e uma orientação correta, foi dolorida a caminhada dos meus pais a procura de tratamento, e o motivo foi justamente a falta dessas informações, por não conhecer a doença, quantas voltas no mesmo lugar, que não levavam a lugar nenhum.

Segundo o Estatuto¹⁰ a Associação Arnaldo Gilberti tem entre seus objetivos promover a integração e a convivência social dos usuários, fornecer subsídios para o desenvolvimento de habilidades pessoais, contribuir na reinserção social de pessoas que viviam asiladas em hospitais psiquiátricos e contribuir para promover a defesa dos direitos de cidadania.

Ao longo do meu primeiro ano de estágio, motivada pelo perfil crítico do curso de Serviço Social comecei a questionar a efetividade¹¹ desse trabalho no Centro de Convivência, os usuários que frequentavam a Livre Mente, com quem criei forte vínculo me diziam: “minha mãe nem sabe o que eu faço aqui”, “meus pais trabalham e não querem que eu fique sozinho em casa” ou então “eu não tenho o que fazer em casa, venho pra cá porque senão fico triste”.

Observei ainda que a instituição não tinha uma metodologia das ações, cada profissional que entrava trabalhava ao seu modo e isso tornava as ações e os

¹⁰ Estatuto da Associação Arnaldo Gilberti - 1994

¹¹ Efetividade: 1. Qualidade do que é efetivo; realidade; permanência.

discursos as vezes contraditórios, então era difícil atribuir um perfil à instituição. Sendo assim, mesmo com objetivos tão importantes para a inclusão social dos usuários e seus familiares, essas pessoas viam a Livre Mente apenas como uma “creche” ou um “deposito”, um local onde pudessem passar o dia.

No final do ano de 2012 a Livre Mente colocou em seu quadro de atividades a oficina de convivência “Fortalecendo Vínculos”, a oficina era mensal, voltada aos familiares dos usuários da instituição. Eu e mais uma estagiária de serviço social coordenávamos a oficina como voluntárias.

Na primeira oficina apresentamos o objetivo do projeto, e também sugerimos que para cada encontro discutíssemos um tema relacionado à saúde mental, como preconceito, crise, inclusão, medicamentos, e que para cada tema convidaríamos profissionais pertinentes para esclarecimento sobre o assunto.

No entanto ao final desse primeiro encontro deixamos espaço aberto para sugestões quanto ao formato dessa oficina, e para nossa surpresa os familiares após nos parabenizar pela iniciativa disseram que não queriam temas pré-definidos e tampouco especialistas nestes assuntos, ele queriam apenas um espaço onde pudessem falar e serem ouvidos e principalmente que pudessem trocar experiências com outros familiares. Depois dessa grande lição apenas nos restou dizer: “assim seja”.

Ao valorizar a troca de experiências e a fala dos familiares foi permitido uma aproximação entre eles e também a participação das famílias enquanto coletivo que legitimam saberes a partir dessas experiências cotidianas.

Ao trabalhar na Livre Mente conheci o verdadeiro sentido da palavra gratidão, no início deles para comigo e hoje de mim para com eles, passei a dar valor a cada gesto de carinho a mim dispensado ao longo da minha caminhada. Conheci seres humanos que tem que lutar dia a dia para serem aceitos na sociedade, que não conseguem trabalho, que causam medo simplesmente por um diagnóstico, mesmo que não ofereçam riscos e ainda assim estão sempre sorrindo, se doando, são gratos por qualquer gesto ou minuto de atenção.

Para Foucault (1989), é preciso olhar o “louco” sem medo, porque veremos muitas verdades a nosso respeito refletidas naquela figura.

Observei que os próprios usuários naturalizavam as ofensas e discriminações que sofriam, certo dia conversando com um rapaz que frequentava as oficinas de pintura e leitura, ele me disse:

- [...] *a gente não pode viver na comunidade, no mercado, no restaurante, mas nós podemos pegar nosso pincel em casa e pintar nosso quadro. Aqui tem profissionais que ajudam e entendem a gente, no emprego lá fora não adianta dizer “eu não estou bem” eles não aceitam*”.¹²

Falas como essa eu ouvia com frequência naquele espaço, os usuários falavam com naturalidade o quanto eram rejeitados, discriminados, ofendidos e diziam também que nunca eram ouvidos pela sociedade, que geralmente as decisões vinham de cima para baixo e eles não eram consultados.

Conforme afirmação do filósofo Domênico Costella: “A discriminação não é natural, é dada pela cultura, pelo poder, então temos que lutar contra isso”.¹³ O estigma da loucura foi socialmente constituído ao longo da história, assim quem está fora dos padrões sociais pré-estabelecidos passa a ser alvo de controle e segregação.

Foi por perceber que a pessoa com transtorno mental pouco é ouvida e respeitada, mas muito é discriminada, que comecei a participar da Comissão Municipal de Saúde Mental e do Fórum de Trabalhadores de CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) as reuniões desses espaços de discussão aconteciam mensalmente na Secretaria Municipal de Saúde, eu queria entender quais eram as propostas e as possibilidades para atendimento à pessoa com transtornos mentais, eu queria lutar por essas pessoas.

“Todo ser humano é digno, porém deve ser respeitado em sua dignidade e cidadania”. (Domênico Costella)

As reuniões da Comissão eram abertas aos usuários, familiares e trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), no entanto era mínima a

¹² Fala do Sr. A.S em grupo focal realizado em 04/11/2013 com usuários das oficinas de convivência e geração de trabalho e renda da Livre Mente.

¹³ Fala do Filósofo Dr. Domênico Costella no programa “Nós da Educação” exibido em 31/10/2015 pela TV Paulo Freire.

participação das pessoas com transtorno mental, a maioria eram profissionais da área e também alguns familiares. As reuniões do Fórum eram voltadas apenas aos trabalhadores de CAPS de Curitiba.

Ao longo das minhas participações nesses espaços tive a oportunidade de levar várias informações aos usuários, principalmente na questão de acesso a medicamentos, a importância do acompanhamento nos Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), como a família deve proceder em situação de crise da pessoa com transtornos mentais. Em contrapartida divulguei o trabalho realizado na Livre Mente, a maioria dos profissionais já conheciam, pois a maior demanda da instituição era encaminhada por CAPS, mas os familiares e usuários que não frequentavam os CAPS desconheciam a existência desse espaço de convivência.

Mesmo tendo contribuído muito para entender as estratégias municipais acerca da saúde mental, via que a Comissão em muito deixava a desejar enquanto espaço de controle social. Na maioria das reuniões o tempo era utilizado para apresentar as benfeitorias municipais na gestão ou para comparar os avanços em relação a gestão anterior, caindo no discurso partidário.

Fui convidada em 2014 a participar de um curso de controle social ministrado por um professor de Terapia Ocupacional da UFPR que tem histórico de forte militância na Saúde Mental, esse curso tem duração de quatro meses e participam familiares, usuários e trabalhadores, além da participação de representantes do Ministério Público, da Câmara Municipal, da Secretaria de Saúde, entre outros. Iniciei o curso com bastante otimismo, mas logo me deparei com o mesmo problema, nas discussões sempre tinha alguém da Secretaria de Saúde que finalizava a conversa com um discurso partidário e foi então que entendi o porquê os verdadeiros interessados não participam das decisões.

Atualmente minha inserção na saúde mental se dá apenas como membro da diretoria da Associação Arnaldo Gilberti, mas quero voltar a atuar na conscientização das pessoas com transtornos mentais a fim de buscar a garantia de direitos humanos e dignidade à essas pessoas, mas para isso tenho que me aprimorar tanto no conhecimento acerca da política de saúde mental, como na didática para compartilhar esse conhecimento.

Durante o período que estive mais próxima da política de saúde mental, além da oportunidade de conhecimento acerca dos enfrentamentos dessa política, pude perceber o quanto é desafiador trabalhar com questões que envolvem a subjetividade do sujeito, pois os aspectos emocionais e inconscientes são difíceis de serem identificados.

3.2 A ASSISTENTE SOCIAL E A REFLEXÃO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA REALIDADE DO MUNICÍPIO DE IPIRANGA/PR

A partir do momento que adentrei na especialização passei a visualizar outros métodos de aprendizagem, vi que poderia aprender fazendo, em minhas intervenções profissionais como Assistente Social passei a refletir sobre minhas ações com o objetivo de fazer a “coisa certa”, no entanto não compreendia que refletir nas ações e sobre elas funciona também como um instrumento de desenvolvimento do pensamento.

Schön sugere a reflexão na ação, definindo-a como o processo na qual os profissionais práticos aprendem a partir da análise e interpretação da sua própria atividade. “A reflexão-na-ação tem uma função crítica, pressionando a estrutura de pressupostos do ato de conhecer-na-ação.” (SCHÖN, 2000, pg.33)

Em maio de 2015 iniciei meu primeiro trabalho como Assistente Social, foi um dia especial que teve sabor de conquista, o que era abstrato se tornou concreto, o sonho tornou-se realidade. O primeiro compromisso que assumi comigo mesma foi o de sempre esgotar as possibilidades no atendimento aos usuários dos serviços socioassistenciais.

Trabalhei no município de Ipiranga por seis meses e percebi que ha dias que valem por décadas. Fui contratada pela empresa Acreditar e Compartilhar de Curitiba, essa empresa ganhou um processo de licitação em Ipiranga e fornece serviço de profissionais de Serviço Social e Psicologia.

Reconheço a importância que tem para mim trabalhar na área, e estou feliz por isso, mas não posso deixar de cuidar do meu emocional, é grande a pressão em trabalhar em uma Prefeitura de cidade pequena, mas dentre várias coisas o que

mais me incomodava era o assistencialismo em troca de voto, os gestores passam por cima da autonomia da Assistente Social e dão um "jeitinho".

Os avanços obtidos por mim nos últimos meses no âmbito da educação, está impactando diretamente na minha profissão, sou Assistente Social e em minha atuação na Secretaria de Assistência Social de Ipiranga/PR, operei na Gestão com a elaboração de planos e projetos municipais referentes a Assistência Social, na Proteção Especial trabalhando na intervenção e acompanhamento à indivíduos em situação de risco e também na realização de Estudo Social solicitado pelo Ministério Público, essa tripla função se deu pela falta de profissionais no Município.

Quanto ao exercício da profissão que escolhi, meu maior questionamento é quanto ao antagonismo na qual temos que encarar nesta atuação, que é lutar para a emancipação do sujeito e ao mesmo tempo servir a um Estado que enquadra e rotula esse sujeito de todos os lados. No entanto a partir de agora estou começando a enxergar como podemos trabalhar essa emancipação.

Minha ação profissional como Assistente Social teve início em paralelo com a especialização na UFPR Litoral, a aproximação simultânea dessas duas experiências que para mim tem sido tão relevante se tornou um grande desafio e eu estou apaixonada pelas duas inserções, todo esse cenário novo de muita informação me deixa ansiosa, ousada e mexida, por isso tenho que ficar atenta para não me antecipar. Não quero aprender a fórceps, vou respeitar meu tempo.

Assim como em minha chegada em Curitiba, a chegada em Ipiranga também foi como chuva em terra seca, eu absorvia tudo afim de formar um desenho em minha cabeça do local onde eu estava pisando. Hoje já sei um pouco sobre o lugar e da cultura das pessoas que ali vivem.

O município de Ipiranga está localizado a 175 km da capital Curitiba, a cidade situa-se nas proximidades do Rio Ipiranga. A população é de 14.153 mil habitantes, colonizado por volta de 1850 por imigrantes poloneses, alemães e holandeses, 70% da população reside na zona rural, a renda das famílias gira em torno da produção agrícola, cultivo de fumo, a lavoura é o setor que mais emprega, no entanto, grande

parte da população exerce suas atividades como trabalhador braçal temporário em período de safra, sem renda fixa e sem registro em carteira.¹⁴

Em decorrência dos baixos salários e da falta de emprego, a população recorre a órgãos públicos afim de serem incluídas em programas sociais, muitas famílias dependem dos benefícios como única fonte de renda. A população destinatária da Política de Assistência Social em Ipiranga pode ser caracterizada pela baixa renda, baixa escolaridade e dificuldade de inserção no mercado de trabalho.¹⁵

Em decorrência a situação de pobreza e da falta de lazer é perceptível em Ipiranga o agravo de outros problemas como o alcoolismo, depressão e violência doméstica. O atendimento a essas famílias ocorre de forma precária e descontinuada, se faz necessário completar o quadro de funcionários voltados a rede de proteção básica e especial, reavaliar e reordenar os serviços de Assistência Social. Esses problemas também revelam a necessidade de desenvolver um trabalho preventivo e de conscientização com as famílias e a comunidade. Vejo que as principais dificuldades para a execução das políticas publicas sociais em Ipiranga referem-se a falta de equipe técnica e morosidade na aplicação dos recursos.

No meu trabalho tenho a oportunidade de ser educadora, pois as pessoas que me procuram ou as que são encaminhadas esperam de mim uma postura, orientação, mediação e as vezes solução, a partir daí me cabe trabalhar da melhor forma possível afim de atender a cada família, a partir da especificidade de cada um, todos são diferentes mas tento deixar uma semente de esperança e motivação em cada pessoa.

Na Proteção Social Especial (PSE)¹⁶ meu trabalho é com famílias e indivíduos em situação de risco pessoal ou social, cujos direitos foram violados ou ameaçados. Para integrar as ações da Proteção Especial, é necessário que o cidadão esteja enfrentando situações de violações de direitos por ocorrência de violência física ou psicológica, abuso ou exploração sexual, abandono, rompimento ou fragilização de vínculos ou afastamento do convívio familiar devido a aplicação de medidas de proteção de proteção ou sócio educação

¹⁴ IBGE 2010

¹⁵ Plano Municipal de Assistência Social de Ipiranga 2014

¹⁶ Modalidade de atendimento assistencial, destinada a família e indivíduos que se encontrem em situação de risco pessoal ou social. - SIMOES (2008)

A demanda da PSE chega até mim através do Conselho Tutelar¹⁷ que é o órgão Municipal, público, permanente e autônomo, não jurisdicional encarregado de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente e também por denúncia.

Para minha atuação nesse trabalho de tanta responsabilidade a especialização tem sido de fundamental importância, pois esse público tão fragilizado está respondendo muito bem a essa abordagem que fortalece a identidade e os vínculos com os familiares e a comunidade, respeitando e considerando a história do sujeito. É muito comum em municípios pequenos as famílias sentirem vergonha por estarem sendo atendidas pelo serviço social, tenho então tentado mostrar o lado do cidadão de direitos, que o poder público não está fazendo favor e sim executando as políticas.

Muitas das famílias por mim atendidas tiveram seus filhos institucionalizados na Casa Lar Vale a Pena Viver de Ipiranga, a capacidade dessa casa é para 10 crianças e adolescentes de 0 a 18 anos, quando cheguei na cidade tinham 8 crianças abrigadas. Comecei então um trabalho técnico investigativo para conhecer a realidade do município, porque uma cidade tão pequena com uma demanda tão extraordinária de institucionalização de crianças. Questionei a rede de proteção o motivo de essas crianças estarem isoladas ao invés de estarem com as famílias e a comunidade.

Como não fiquei convencida com as justificativas que foram apresentadas achei por bem que toda a rede fizesse um trabalho de reavaliação dos casos, visto que antes das crianças serem acolhidas na instituição não passaram por acompanhamento psicossocial.

Passei a fazer visitas semanais na Casa Lar, ouvir as crianças, os pais e os funcionários encaminhei todos os infantes ao acompanhamento psicológico e fizemos uma reunião entre todas as Assistentes Sociais, Conselheiros Tutelares, Psicólogas, Juíza e Promotor, todos reunidos para um bem comum que era a verdadeira proteção das crianças e adolescentes do Município de Ipiranga.

Durante esse processo foi levantado que as crianças acolhidas naquela instituição estavam sofrendo maus tratos por parte dos funcionários (casal social e

¹⁷ Curso de Direito Serviço Social Carlos Simões – 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

auxiliar de limpeza), protocolei uma denúncia no Ministério Público e todos foram substituídos, a seleção dos novos funcionários contou com avaliação do perfil e cumprimento dos critérios para trabalhar em Casa Lar.

Após três meses de trabalho não havia mais crianças na instituição, passamos a trabalhar a proteção e o fortalecimento dos vínculos junto com a família, articulando com os pais a importância de estarem próximo na educação dos filhos não delegando essa função as instituições, já que a melhor proteção é a do pai e da mãe.

O mais importante nisso tudo foi o ganho qualitativo das famílias, como são acompanhadas semanalmente pela rede, foi possível ver evolução em vários aspectos, reduziu o número das faltas escolares, também há uma maior assiduidade nos programas que essas famílias participam e principalmente os vínculos na família se mostram mais fortalecidos. Vê-se que não há nada que se aprenda recolhido em uma instituição que não possa ser aprendido fora, como diz o grande José Pacheco.

Essa oportunidade que nós Assistentes Sociais temos de trabalhar com toda a família, vai de encontro as minhas propostas pessoais e metodológicas, porque gosto de estar próxima as pessoas e porque trabalhar a família é muito mais efetivo.

Dentre os instrumentos utilizados para trabalhar a família, o mais utilizado por mim é a visita domiciliar, oficinas de convivência e a roda de conversa, na minha opinião são estes os que mais me aproximam do sujeito. Meu objetivo com essa aproximação é fortalecer a dimensão sócio educativa, conscientizando a família para participar de espaços de interação social, como também convivência familiar e comunitária. Procuro trabalhar com a família na perspectiva de compreendermos juntos os que os levou aquela situação e o que podemos fazer para superá-la.

Habitualmente em minhas ações profissionais procuro cumprir com o compromisso ético político da profissão, mas além do dever procuro também refletir sobre essas ações, principalmente porque a demanda chega ao profissional de forma caótica, todos os casos serão diferentes e dialéticos. Ao desenvolver a capacidade de solucionar ou encaminhar questões nos mais diferentes contexto, vou aprimorando meu aprendizado.

A racionalidade técnica diz que os profissionais são aqueles que solucionam problemas instrumentais selecionando os

meios técnicos mais apropriados para propósitos específicos [...], contudo os problemas do mundo real não se apresentam aos profissionais com estruturas bem delineadas. (SCHÖN, 2000, pg. 15-16).

Além dos desafios encontrados na Proteção Especial, outra problemática a ser enfrentada foi ganhar espaço e confiança enquanto profissional da Gestão, cabia a mim organizar, planejar e controlar o dia a dia das instituições inscritas no ramo Assistência Social no município de Ipiranga. O fato de ser uma profissional recém chegada no município causou uma certa resistência dos profissionais no início. O município de Ipiranga ficou sem Assistente Social por aproximadamente seis meses e nesse período a demanda para o Serviço Social se acumulou, sendo assim quando eu e mais duas profissionais fomos contratadas tínhamos que nos apropriar desses casos antigos e atender a nova demanda que chegava diariamente.

O atendimento às pessoas em situação de risco era de responsabilidade do órgão gestor, e dentre a demanda atendida o maior número de situações que chegavam a mim se tratava de violência ou negligência contra crianças e adolescentes. Em Ipiranga presenciei a terrível realidade de crianças e adolescentes que sofrem traumas que os marcarão por toda vida.

Enquanto Assistente Social atuando na Proteção Especial eu integrava a Rede de Proteção a criança e ao adolescente, de onde faziam parte também o Conselho Tutelar, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente (CMDCA), uma Psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde e a Vara da Infância e Juventude, no entanto o Secretário de Assistência Social me informou que a Rede atuava de forma independente, não havia um protocolo de atendimento.

Foi montado um cronograma de visitas para que as três novas Assistentes Sociais e duas psicólogas fossem apresentadas a todas as instituições sócio assistenciais na cidade, após essa primeira aproximação todos ficamos otimistas, tanto por termos decidido somar forças na proteção as crianças e adolescentes, como por sistematizar a partir de então os atendimentos.

A aproximação inicial com as instituições nos permitiu conhecer um pouco de cada serviço: objetivos, equipe, possibilidades e limites de cada local visitado e na grande maioria o maior problema era a falta de recursos humanos.

Iniciou-se então de fato o trabalho em rede, discutíamos os casos, o promotor auxiliava juridicamente sempre que era solicitado, o Conselho Tutelar que antes aplicava medidas de proteção (na maioria das vezes abrigo) sem antes mesmo encaminhar ao atendimento psicossocial, passou a encaminhar os casos ao Serviço Social sempre que possível para que tentássemos resolver a questão sem “aprisionar” os infantes.

Quando essas questões estruturais no atendimento começaram a se encaminhar, passei a olhar com mais atenção para os meios que os profissionais utilizavam para chegar ao objetivo de “proteção” e foi então que identificamos uma nova situação problema: a abordagem dos profissionais era de forma vexatória para com o usuário, o olhar para as famílias era preconceituoso e de culpabilização.

Começamos então a conversar sobre esse novo problema entre nós profissionais, mas não chegamos a lugar nenhum, já que cada um opinava de acordo com seus valores que na maioria das vezes seguia a cultura da cidade que tem um perfil conservador, meritocrático e paternalista.

Passei a refletir muito sobre de que forma encontrar uma saída, o fato de ser da Gestão e por ter sugerido uma mudança no modo de atendimento, os profissionais passaram a cobrar de mim uma proposta para essa mudança. Senti-me um pouco insegura e acuada, antes os profissionais viram as primeiras mudanças como estímulo, mas agora eu estava questionando uma metodologia de trabalho a muito arraigada.

Naquele momento éramos cinco Assistentes Sociais no município, além de nos três contratadas, as duas profissionais concursadas que estavam de licença retornaram ao trabalho e todas nós tínhamos posicionamento contrário ao modo de atendimento dos outros profissionais. Não queria provocar um levante na cidade, mas também não tinha como fechar os olhos para essa situação. Resolvemos então que a conscientização seria através da legislação, o que inclusive foi reforçado como melhor método por nosso Conselho Regional de Serviço Social (CRESS), no entanto não resolvemos o problema.

Em Ipiranga eu me sentia como se estivesse em um campo minado, uma atitude ou palavra poderia mudar o rumo dos acontecimentos, tudo era voltado a politica partidária, todos os assuntos que envolviam vários profissionais acabavam chegando aos ouvidos do Prefeito ou seus assessores e acabava ficando exposto nosso trabalho.

3.3 A INTERVENÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL NA POLÍTICA DE HABITAÇÃO

Em outubro de 2015 fui contratada por uma empresa terceirizada à prestar serviço na COHAB – Companhia de Habitação Popular de Curitiba, para desenvolver as ações propostas no PTS – Projeto de Trabalho Técnico Social correspondente a etapa pós-contratual.

Fiquei responsável pelo Residencial Aroeira I que está localizado no Bairro Santa Cândida, pertence à Regional Administrativa Boa Vista, na região norte do município de Curitiba, acompanhando 43 unidades habitacionais de famílias oriundas de áreas de ocupação de Curitiba e famílias inscritas na fila de pretendentes da COHAB. O trabalho social contempla um conjunto de ações voltada para o exercício da cidadania visando a promoção e/ou melhora na qualidade de vida das famílias beneficiárias e a sustentabilidade do empreendimento.

Na Etapa Pós-Contratual as ações estão voltadas para promover e/ou fortalecer a autonomia das famílias no sentido de garantir a sustentabilidade do empreendimento, instigando nos moradores o sentimento de pertencimento; adequação aos novos padrões de moradia, estimulando o uso e os cuidados com utilização dos equipamentos de uso coletivo; planejamento e gestão do orçamento familiar, através de orientações e divulgação de informações sobre os benefícios e tarifa sociais, bem como, demais formas de racionalizar os custos gerais de moradia; implementar ações socioeducativas que contribuam para a prevenção sanitária ambiental incentivando o desenvolvimento da vivência comunitária.

Eu estava saindo de uma experiência profissional onde a demanda era a situação de risco, abandono, violência, abusos e passava a adentrar no lado oposto que é a realização do maior sonho material do povo brasileiro que é a conquista da casa própria. Contudo foi exatamente o contrário, fiquei impressionada com o que

ouvi daqueles moradores, para muitos que ali foram assentados aquele momento não era a realização de um sonho e sim o início de uma frustração.

Ao oportunizar a fala daquelas famílias, logo percebi que além de ações pré determinadas, com prazos e horário, aquela população precisava tirar o sorriso sarcástico do rosto e falar o que estava engasgado. O descontentamento tinha motivos variados: “fomos retirados de bairros bem localizados na cidade de Curitiba/PR, como Santa Felicidade, Sítio Cercado, Praça Santos Andrade, locais de fácil acesso aos equipamentos públicos e fomo jogados aqui, sem escola, creche, posto de saúde, comércio, estamos esquecidos.”

Outra queixa frequente dos moradores era em relação a violência: “Estamos aqui há apenas 1 ano e já ocorreram vários assassinatos, o tráfico ocorre o dia todo, várias pessoas juradas de morte e somos obrigadas a criar nossos filhos na presença de armas e drogas.

Como a maioria das 1000 famílias reassentadas viviam do trabalho informal como os catadores de papel, faxineiras, pedreiros, manicures entre outros, o número de desempregados é muito grande, pois eles estão em uma área isolada que não os permite acesso as áreas centrais, e acreditem esses trabalhadores não tem condições de pagar passagem para ir trabalhar.

Uma coisa muito interessante na minha profissão é a necessidade de estar atenta as expressões da questão social de modo a não me conformar com diversas situações que passam batido para a maioria da população. A casa própria é sim um sonho, mas todos nós queremos ter opções de escolha de onde morar. Que opções tem esses moradores que são contemplados no Programa Minha Casa Minha Vida? Se analisarmos a questão da moradia de forma pontual podemos dizer que o Programa beneficia as famílias de modo que estas, antes de serem atendidas pelo programa, pagavam aluguel ou moravam em uma área de risco, e passam então a ter uma casa própria e pagam um valor baixo. No entanto se essa análise partir de uma visão ampla da situação, podemos ver que o Programa não é tão benéfico ao ponto que não consegue preservar ou resgatar a identidade do público atendido, essa constatação inclusive foi apresentada na Pesquisa final de satisfação, que demonstrou um alto percentual de insatisfação por parte das famílias.

Ao adotar uma aprendizagem reflexiva tenho posicionado profissionalmente e pessoalmente com mais qualidade e segurança, meu trabalho não tem se baseado apenas na aplicação de instrumentos próprios do serviço social, mas também em um fazer – saber.

4 E AGORA, POR ONDE CAMINHAR?

O interesse pelo desenvolvimento deste trabalho é resultado de um acúmulo de abstrações que sempre tive ao longo da minha vida, sendo assim não tive a pretensão de chegar a conclusão alguma, apenas de dar início a um ousado princípio de novas indagações a respeito da minha própria vida, a respeito da potencialidade que o ser humano tem de transformação social seja enquanto indivíduo ou enquanto classe. Ao colocar em pauta minha trajetória desde a infância até a o momento atual, meu intuito não é meramente uma análise desse processo, mas também, preciso estar consciente da responsabilidade e dos desafios que me cabem enquanto humana, proletária e profissional.

Conversando com a educadora Lenir Maristela e com meu orientador Valdo Cavallet, ambos ressaltaram a importância de que o tema escolhido para pesquisa fosse aquele que tivesse maior ressonância em mim, que causasse grande satisfação e fosse motivo de inspiração. Foi aí que me veio prontamente dois desejos, um que sempre tive foi o de falar da minha trajetória e outro era de fazer uma análise das minhas experiências profissionais, mas qual fosse o tema escolhido eu pretendia discutir como eu poderia colaborar no desenvolvimento humano? Seja a partir da minha vivência ou a partir das minhas ações profissionais.

Quando comecei a escrever, foi que percebi o quanto aquela prática reflexiva colaborava com meu autoconhecimento e a cada orientação ou contato com os educadores da UFPR Litoral me encantava com o método de aprendizagem que eles usavam, partindo dos educandos. Foi aí que comecei a pesquisar a educação popular e por sugestão de outro educador –amigo que é o Armenes me aprofundei na perspectiva Freiriana.

A cada aproximação com pesquisa sobre a educação popular, novas descobertas e questionamentos, evidenciando a complexidade da realidade estudada. A partir deste estudo também foi possível confirmar a afinidade entre minha vivência com um método de educação que parte do povo.

Além dos estudos bibliográficos ocorreram também várias aproximações com educadores e atores sociais, que tem suas práticas fundamentadas na educação popular, que parte da consciência + ação.

O fator mágico disso tudo foi que consegui conciliar os dois temas iniciais, História de Vida e Experiências Profissionais com a Educação Popular, o que me fez escrever esse trabalho com grande prazer. Este não proporcionou apenas ampliação dos meus conhecimentos em relação a educação popular ou da capacidade de análise. A maior contribuição que a pesquisa trouxe de modo algum eu conseguiria expressar nessas linhas, tamanha auto confiança, empoderamento, auto estima e desenvolvimento que tive durante esse processo. E com toda certeza essa transformação pessoal servirá de base para que eu possa também ensinar a aprender.

E tendo como base minha transformação enquanto Ser e percebendo as transformações nas pessoas por meio da Educação Popular e libertadora, vejo que esta prática pedagógica tem muito a contribuir para a transformação social a partir da conscientização da classe para si, visto que as ações coletivas para serem transformadoras devem ser com intuito de libertação e não de massificação, como as ações que partem da classe hegemônica.

A educação libertária também proporciona o fortalecimento pessoal, mostra que as diferenças são pontos positivos e não há necessidade de apagar o que é próprio de cada indivíduo, não destruir nossa cultura e o que nos fortalece. Quando nossa identidade é integrada e fortalecida conseguimos nos proteger das intimidações externas.

Ao sistematizar minhas experiências, além de uma autoanálise que aprimorou minha consciência e resignificou vários aspectos educacionais na minha vida, também poderá servir de inspiração a outros que queiram pensar a partir de suas práticas.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Raiane.(Org). **Educação Popular na Perspectiva Freiriana**. Ed. L. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. Ver. E atual. São Paulo: FTD, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

MARCONI, Marina A; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. 6ª ed. São Paulos: Atlas, 2006

MATURANA, Humberto. **O que é Educar?** – Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/direitosglobais/paradigmas/maturana/oqueeducar.html> Acesso em 10 de jan. de 2016.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Ates Médicas, 2000.

SILVA, Viviane A – **Oficinas Terapêutica e de Geração de Trabalho e Renda na Perspectiva de Inclusão Social: a experiência da Livre Mente – Cento de Convivência**. Curitiba, 2013.

SIMÕES, Carlos. **Curso de Direito Serviço Social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

YAEGASCHI, Larissa Y. **Qual o melhor meio de diagnosticar esplenomegalia em crianças?**

GILBERTI, A. **Estatuto da Associação**. 1994

BRASIL. Decreto nº 3.298, (1999). [Leis e Decretos]. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos Acesso em 10 de jan. de 2016.

<<http://www.participa.br/educultura/politica-nacional-de-educacao-popular/marco-de-referencia-da-educacao-popular-para-as-politicas-publicas>>. Acesso em 03 de março de 2016.

ANEXO 1

Memorial de Formação

(Roteiro proposto)

- 1 - Identificação
 - Nome:
 - Endereço:
 - Telefone:
 - e-mail:
 - Facebook:
- 2 - História de vida (buscar dar a significação a cada etapa de vida)
- 3 - Processo de escolha profissional, profissionalização e principais influências recebidas
- 4 - Questionamentos em relação à formação escolar (básica, graduação e pós)
- 5 - Expectativas sobre a formação na UFPR Litoral
- 6 - Questionamentos sobre o exercício da profissão escolhida
- 7 - Dificuldades pessoais
- 8 - Atividades que exerce e interfaces com os estudos na UFPR Litoral
- 9 - Habilidades, Experiências e Realizações pessoais
- 10 - Passatempo

Fecho do Memorial

Ao elaborar versões progressivas do memorial, você (re)significou alguma etapa de sua vida?

Professor: Valdo José Cavallet
Fone: 35118382 (UFPR Litoral)
e-mail: valdocavallet@uol.com.br